



NÓ PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

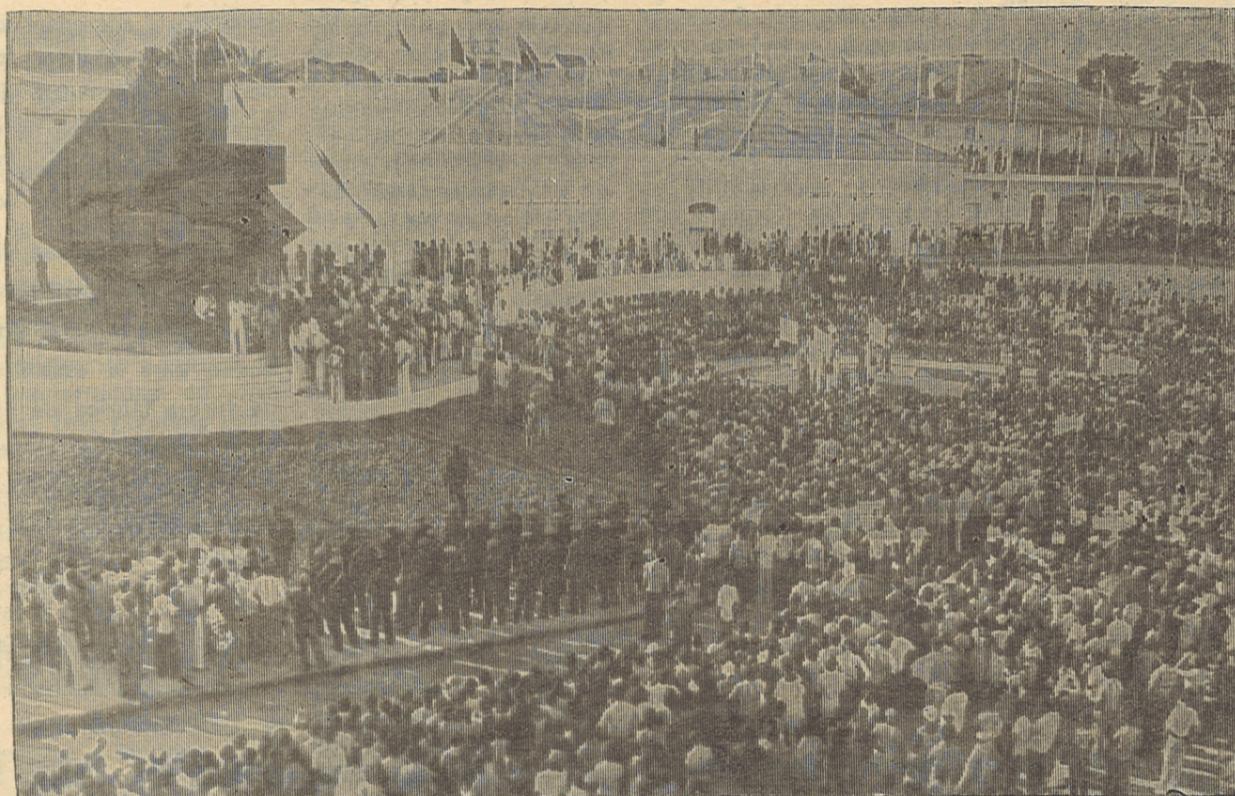
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPR ENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSA

Luiz Cabral na homenagem aos mártires do Pidjiguiti

O monumento é farol de inspiração no nosso combate de hoje



Um aspecto da manifestação popular durante a inauguração do monumento aos mártires do Colonialismo

No acto solene da inauguração do monumento aos mártires do Pidjiguiti na tarde de sexta-feira, o Presidente Luiz Cabral apelou ao reforço da unidade nacional e à consciência revolucionária entre todos os jovens, trabalhadores dos diversos ramos de actividade e combatentes da liberdade da Pátria e ao povo em geral, como condição primeira para prosseguirmos, a nova fase do processo libertador iniciado pelos valentes marinheiros do 3 de Agosto, salvaguardar a nossa independência e reforçar a nossa democracia.

Ao render homenagem aos mártires do Pidjiguiti, que o monumento immortaliza, Luiz Cabral recordou que ela é também extensiva a vários outros mártires da nossa luta de libertação nacional, víti-

(Continua nas Centrais)

Aristides Pereira regressou

Após ter participado nas comemorações que marcaram o XI Aniversário do Massacre de Pidjiguiti regressou no sábado passado à Praia o camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República irmã de Cabo Verde.

O camarada Luiz Cabral, acompanhado por uma delegação do Partido e do Estado o corpo diplomático acreditado no país, um batalhão das A.R.P. apresentaram os cumprimentos e despedida ao primeiro responsável do nosso Partido.

Partiram igualmente, de regresso aos seus respectivos países as delegações dos Partidos e dos Governos irmãos que participaram nas comemorações do XI aniversário do massacre de 3 de Agosto e no Simpósio internacional.

Presidente em visita privada à Jugoslávia e Itália

Para uma visita privada à Jugoslávia e Itália, seguiu na manhã de domingo para Europa, o camarada Presidente Luiz Cabral. O Chefe de Estado guineense fez uma escala em Lisboa, onde foi recebido em audiência pelo Presidente da República Portuguesa, general Ramalho Eanes, na segunda-feira passada. Na terça-feira o camarada Luiz Cabral recebeu o Primeiro-Ministro português Maria de Lurdes Pintasilgo.

Durante o encontro entre os dois presidentes no Palácio de Belém, foram abordados os problemas da intensificação da cooperação entre a Guiné-Bissau e Portugal e as relações entre a República Popular de Moçambique e Lisboa.

O camarada Presidente Luiz Cabral seguiu na quarta-feira para uma outra visita a convite da Associação de Marinheiros Jugoslavos. Correspondendo, por outro lado, a um convite do Governo Jugoslavo, o Presidente ficará duas semanas no Mar Adriático para passar férias.

De regresso da Jugoslávia Luiz Cabral, irá a Roma, Itália, onde travará conversações com as direcções do Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura-FIDA, Programa Alimentar Mundial-PAM e Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação FAO. Os contactos com estas direcções têm por finalidade estudar as possibilidades e financiamentos de grandes projectos de desenvolvimento agrícola na Guiné-Bissau.

Ainda em Roma o Presidente Luiz Cabral fará uma visita de cortesia à sua Santidade Papa João Paulo II e, possivelmente outra ao Presidente Italiano Sandro Pertini. Com o Chefe de Estado de Itália, Luiz Cabral abordará as questões da cooperação entre os dois países.

A comitiva presidencial é integrada por elementos das Casas Militar e Civil da Presidência do Conselho de Estado, nomeadamente o camarada Arafan Mané, do CSL e chefe da Casa Militar.

Mensagem de Fidel Castro sobre a Cimeira de Havana

Uma mensagem do Presidente da República Socialista de Cuba, camarada Fidel Castro, foi entregue na tarde de sábado ao camarada Presidente Luiz Cabral. Era seu portador o vice-presidente do Conselho de Ministros, camarada Joel Domeneche.

A mensagem, segundo disse o seu portador, tem por objectivo informar o camarada Luiz Cabral sobre o desenrolar dos pre-

parativos da 6.ª Cimeira dos países não-alinhados, que se realiza em Havana de 3 a 7 de Setembro próximo. Afirmou ainda que analisará conjuntamente com os nossos dirigentes alguns aspectos da Cimeira de Havana e acrescentou que «os países Não-Alinhados terão que participar na sua discussão e preparação pois que», o seu sucesso depende do empenhamento dos participantes».

Em declarações aos órgãos de informação nacional, felicitou o povo Guiné-Bissau pela passagem do 20.º aniversário do Massacre de Pidjiguiti, que disse ser a primeira acção organizada contra o colonialismo português.

No momento da entrega da mensagem o Presidente Luiz Cabral encontrava-se acompanhado

(Cont. na página 8)

★ Reunião da Comissão Mista Guiné-Brasil (noticiário na página 8)

★ Mauritânia reconhece Polisário (ver página 8)

Mas que baile de finalistas...

Realizou-se no passado dia 28 de Julho a tradicional festa de fim do curso dos finalistas do Liceu Nacional Kwame N'Krumah no salão de festas da Udib.

Na sexta-feira já tinham sido iniciadas as comemorações com uma sessão cultural composta de uma parte musical (preenchida pelos conjuntos Mama Djombo e África Livre) e por uma pequena peça teatral de crítica às alunas com manias que são modernistas, apresentada por um grupo de finalistas. Os festejos viriam a encerrar-se, como já dissemos, no sábado, com a presença de quase todos os professores do Liceu e alguns antigos alunos, hoje altos dirigentes do Partido e Estado, que compunham a mesa de honra. Entre eles destacavam-se os camaradas Fidélis d'Almada, membro do CSL e Comissário da Justiça, Tino Lima Gomes Comissário da Obras Públicas e Inácio Semente, Director-Geral da Cooperação.

Depois de uma terrível guerra para se conseguir uma mesa, a festa iniciou-se com dois discursos. O engraçado é que a tão esperada festa veio a transformar-se num autêntico pandemónio mal os convidados de honra se retiraram da sala, perdendo todo aquele brilho com que fora planeada. «Comes» e «bebas» que se desviavam para uma festa suplementar dos componentes da comissão organizadora, em detrimento da maioria dos finalistas, outros não chegando a beber uma cerveja sequer nas cento e sessenta grades que foram compradas. Isto para não darmos a conhecer outras cenas mais lamentáveis, o que nos leva a concluir, infelizmente, que esta foi a pior de todas as festas realizadas por finalistas do Liceu. Mas por outro lado, pensamos que com este exemplo, o próximo baile de finalistas poderá ser muito melhor, se os organizadores respeitarem a opinião de todos os finalistas. E enfim, foi mais um baile, mas infelizmente dos piores.

UM FINALISTA

JAAC na Conferência Panafricana da Juventude

O camarada João da Costa, membro do C.S.L. do Partido e Secretário Nacional da Juventude Africana Amílcar Cabral representa a nossa organização juvenil nos trabalhos da quinta Conferência Panafricana da Juventude.

Para o efeito, o responsável da JAAC seguiu no sábado passado para a República Popular do Congo, em cuja capital decorrerá esta Conferência, de 8 a 14 do corrente mês.

Acompanham o camarada João da Costa, Fran-

cisco Lúcio e Carlos Silva, ambos do Secretariado da JAAC.

Outras delegações estrangeiras já começaram a chegar a Brazaville. É o caso das delegações de Angola, do Mali, de S. Tomé e Príncipe, e do Secretariado Executivo do Movimento Panafricano

da Juventude, conduzido pelo seu Secretário-Geral, Cissoko.

No entanto, a União da Juventude Socialista congoleza (UJSC) recebeu do Conselho Central da Juventude Livre Alemã (FDJ) um dom de material que servirá aos participantes da conferência.

Terminou o Seminário de avaliação do desenvolvimento comunitário

O camarada João da Costa, Comissário de Estado da Saúde e Assuntos Sociais, presidiu a cerimónia de encerramento do Seminário de avaliação do desenvolvimento Comunitário que se desenrolou na sala de reuniões do CESAS desde o passado dia 24.

Este seminário que foi presidido pela camarada António Mendes Teixeira, responsável do departamento dos Assuntos Sociais, contou com a participação de 18 agentes sociais polivalentes e 14 enfermeiros.

Este projecto de desenvolvimento comunitário foi elaborado pelo Comissariado de Estado dos Assuntos Sociais no sentido de nos próximos anos levar a saúde a todos os pontos do território nacional, principalmente os mais beneficiados e, foi financiado pela Unicef e pela Suco (organismo humanitário do Canadá).

Durante este encontro, que se realiza anualmente com o objectivo de avaliar os trabalhos

já realizados e reciclar o pessoal engajado nesta tarefa, debruçou-se sobre os seguintes pontos: apresentação e discussão dos relatórios das equipas sanitárias das várias tabancas das regiões piloto de Cacheu e Tombali, como trabalhar numa comunidade, cuidados materno-infantis e política do Partido.

Numa das sessões, a convite do Comité do Partido do Comissariado da Saúde, a camarada Carmem Pereira falou sobre o significado político do massacre de

Pindjiguiti e sobre o papel da Mulher na luta pela reconstrução nacional.

Na sessão de encerramento o camarada João da Costa explicou o objectivo deste projecto e exortou os seminaristas a dedicarem-se ainda mais nesta «acção para que o nosso povo possa melhorar o seu nível de vida». Usaram também da palavra as camaradas Ana Balbina, responsável pelo desenvolvimento comunitário de região de Tombali e Antónia Mendes Teixeira.

Rui Barreto em Portugal

Para uma missão de contactos em Portugal e na França, deixou o país no sábado passado, o camarada Rui Barreto, Presidente do Instituto Nacional de Seguros e Previdência Social.

Nos dois países o camarada Rui Barreto tratará com empresas seguradoras, questões relacionadas com a organização do nosso Instituto, visto

que a partir de Janeiro serão lançados os seguros obrigatórios no nosso país.

Ainda em Lisboa, o Presidente do Instituto Nacional de Seguros combinará as regras segundo as quais Portugal vai encerrar toda a sua actividade seguradora no nosso país, depois da nacionalização deste sector.

Armando Ramos visitou Bolama

Em missão de serviço, esteve em Bolama o camarada Armando Ramos, Comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, acompanhado de uma delegação formada por elementos dos Armazéns do Povo e da empresa Construções Limitada.

O objectivo da sua viagem à região de Bolama era estudar o local adequado para a instalação da futura fábrica de calçado nesta cidade e possibilidades de aceleração das obras da fábrica de bandas.

Ainda durante a sua estadia, o camarada Armando Ramos deslocou-se a Gan Muriá, onde se inteirou com detalhe do andamento dos trabalhos na granja local.

Responde o povo

Participou nas comemorações do XX aniversário de Pidjiguiti?

Comemorou-se mais um 3 de Agosto, na nossa terra livre e independente, mas um 3 de Agosto diferente de todos os outros já comemorados, devido a várias actividades político-culturais que assinalam esta data.

O «Nô Pintcha» auscultou alguns populares sobre o que pensam desde 3 de Agosto. Eis as suas respostas:

Manuel da Cruz—Finalista do Liceu — Foi para mim uma data muito diferente das outras que já comemorámos. Foi totalmente diferente devido à trasladação dos restos mortais dos heróis Domingos Ramos, Pançau Na Isna e Osvaldo Vieira, que agora repousam na capital do nosso país, junto aos restos de Amílcar

Cabral e Francisco Mendes, e à inauguração do monumento, na Praça dos Mártires do Colonialismo. É um monumento que quanto a mim é digno do heroísmo desses marinheiros corajosos que munidos só de remos e paus, enfrentavam o inimigo que possuía armas de fogo. Cada vez que comemoramos esta data, deve-

mos refletir bastante no que fizemos e traçar metas a atingir, para que o sacrifício desses valentes combatentes de Pidjiguiti não seja em vão.

COMEMORAÇÕES SIGNIFICATIVAS

«Particpei activamente nas comemorações que assinalaram o vigésimo aniversário do criminoso massacre de Pidjiguiti», começou por dizer a camarada Lurdes Lopes da Costa, uma militante fervorosa da nossa organização juvenil.

Continuaria dizendo que organizaram reuniões de esclarecimento no seu bairro, na qual participaram todos os jovens e marcaram também a sua presença em todas as realizações desse grande dia. «Achei as comemorações muito significativas, quanto à inauguração da linha estátua que ornamenta agora a Praça dos Mártires do Colonialismo. Agora resta-nos trabalhar no duro nesta nova fase de luta, para que os mártires de Pidjiguiti ressuscitem sempre no progresso e

bem-estar do nosso povo, por quem deram a vida na trágica tarde de 3 de Agosto de 1959».

CONCIÊNCIA CLARA

«Um marinheiro do Comité 3 de Agosto, Joaquim da Silva, dir-nos-ia que está muito satisfeito com as comemorações deste ano do 3 de Agosto e que no seu Comité, como não podia deixar de ser, participaram activamente. Fizeram reuniões com vista a discutir os programas das realizações. «Nós os marinheiros do Comité 3

de Agosto, temos a consciência clara de que devemos esforçar-nos agora mais do que nunca, na dura Reconstrução Nacional para não seja «afuam» a morte dos nossos companheiros da tarde sangrenta de Pidjiguiti» — continuaria ainda Joaquim da Silva, terminando com um apelo a todo o nosso povo em geral para que redobre a confiança no PAIGC, guia incontestável dos destinos da Pátria por que Amílcar Cabral e tantos outros deram a vida.

Uma empresa em fase de arranque

do nosso enviado especial

A firma Confecções Morabeza, em S. Vicente foi constituída por inscrição pública em 27 de Fevereiro do ano passado, de acordo com a política da República irmã de Cabo Verde que diz que é necessário criar no país pequenas unidades industriais para poder garantir empregos ao povo caboverdiano e, por outro lado, reduzir a saída de divisas e permitir a sua entrada com a posterior exportação dos artigos.

Apesar de se ter tornado legal em Fevereiro de 1978, o arranque das actividades só foi possível em Setembro do mesmo ano. Durante todo esse tempo, foi preciso preparar quadros nacionais que garantissem todo o trabalho da empresa, tanto na administração como na produção. Como foi feita a preparação do pessoal? Os administradores contrataram três técnicos portugueses por quatro meses e um perito especializado em produção por dois anos que, neste momento, está a formar técnicos nacionais de produção.

DIFÍCIL ADAPTAÇÃO DAS COSTUREIRAS

Para a admissão de pessoal, a empresa Morabeza recorreu a duas fontes. Por um lado, o depar-

tamento de Trabalho forneceu alguns elementos e, para os cargos de maior responsabilidade, admitiram-se mulheres que já tinham uma certa experiência de costura.

No entanto, segundo nos esclareceu o director das Confecções Morabeza, camarada José Augusto Monteiro Pereira, a grande maioria dos trabalhadores da empresa não tinham nenhum conhecimento de confecções. Mesmo as que já tinham sido costureiras, não conheciam o processo de confecção de tipo industrial (em série).

«Qualquer modista, quando está a coser para fora, tem grande preocupação nos acabamentos e muito mais perfeição. Nós aqui fabricamos em série por isso não há grandes preocupações».

Assim, as que não sabiam coser integraram-se mais rapidamente e com maior facilidade. Mas agora o trabalho tem corrido bem. Toda a gente se encontra mais ou menos adaptada, segundo nos afirmaram alguns trabalhadores que se encontravam, no momento da nossa visita, ocupadas em confeccionar fardas para a marinha. Algumas, no entanto, garantiram que o trabalho não é nada fácil, e bastante cansativo.

Quando visitámos as Confecções Morabeza percorremos demoradamente as novas instalações ainda em acabamento e apreciamos com atenção todas as secções que compõem uma empresa de confecções desse tipo: planificação, sector de modelagem, corte (tipo industrial) para calças e camisas, distribuição de tarefas, as duas linhas de produção, uma para calças e outras para camisas, controle de qualidade, embalagem, armazenamento e distribuição.

Neste momento a fábrica está a actuar com cerca de 100 padrões, e fabrica aproximadamente 200 tipos diferentes de camisas. As calças até agora tem sido do tipo moderno, em ganga e bombazina preta, branca e azul, e em caqui verde e castanha. No entanto, pensa-se começar a pro-

dução de calças do tipo clássico.

A EXPORTAÇÃO SERÁ UMA OPERAÇÃO DE FUTURO

Trabalham na fábrica 120 pessoas, sendo nove nos serviços administrativos e 111 na produção. 90 por cento dos trabalhadores são mulheres, porque em Cabo Verde os homens geralmente não têm tradições de costura. A venda dos produtos confeccionados é feita directamente aos comerciantes, que por sua vez vendem ao público. Também confeccionam calças e camisas por encomenda, como estavam a fazer no dia em que estivemos lá.

Os tecidos para as confecções são importados de Portugal, porque aí são mais baratos. O director disse-nos que, nos outros mercados da Europa, são mais caros e não compõem. Foram igualmente contactados outros fornecedores, nomeadamente no Japão, China e Coreia.

Apesar de ter sido criada para confeccionar calças e camisas, a empresa Morabeza produz também batas, saias e vestidos, mas em quantidade mais reduzida. Pode, no entanto, aumentar este tipo de produção, se houver necessidade.

A capacidade de produção desta empresa é de

500 camisas e 300 calças diárias. Neste momento, só a produção de calças atingiu os 100 por cento. A das camisas está ainda pelos 50 por cento.

A produção da empresa tem sido absorvida pelo mercado interno, em todos os pontos do país. Mas já está a fazer-se a prospecção de mercados para onde poderá exportar-se muito brevemente com o aumento da capacidade de produção. «Temos projectos para visitar outros países, e vamos a Guiné-Bissau ainda este ano para mostrarmos aquilo que fazemos e para podermos adquirir alguma experiência no campo das confecções, na medida em que a fábrica da Guiné-Bissau existe há muito mais tempo. Dentro da política da unidade vamos mostrar a qualidade dos nossos produtos, principalmente calças, que poderá interessar ao vosso país, visto que aquela unidade industrial não produz calças. O resto, quer dizer, a futura exportação para lá ou a montagem de uma linha para confeccionar calças poderá vir depois — salientou o camarada José Augusto Monteiro Pereira.

DIFICULDADES PRÓPRIAS DESTA FASE

As dificuldades neste momento são muitas. Uma empresa, quando se

encontra em fase de arranque, tem grandes problemas, e muito mais num país como Cabo Verde, onde não existe matéria prima para esse tipo de produção, nem máquinas, e onde o pessoal tem que ser preparado por etapas.

Tem sido difícil conseguir acessórios em Portugal porque não há stocks. As encomendas têm que ser muito reduzidas de cada vez porque as máquinas são de várias qualidades e procedentes de vários países. A questão da formação de quadros tem sido também difícil, porque são formados a partir do zero.

Felizmente, já existe toda a maquinaria para a produção que se pretende, e o pessoal também já foi todo admitido. No entanto ainda não há maquinaria para fazer determinadas operações da produção de calças e camisas. Por isso, é preciso mais pessoal para executar manualmente essas operações. Confecções Morabeza é uma empresa de economia mista. O Estado detém a maioria do capital, sendo a parte minoritária — 49% — privada. O Governo, como disse o camarada director, tem dado grande apoio para o arranque da empresa tanto no que respeita à importação de tecidos e maquinarias como na sua participação em feiras internacionais.

Evitar sobrecarregar demasiado o povo para não pensar que o Partido o quer explorar

«Devemos estar conscientes de que aqueles que tentam explorar o nosso povo são criminosos, são favoráveis aos tucas, são inimigos do nosso povo, inimigos do nosso Partido», disse o camarada Amílcar Cabral.

Esta afirmação parte daquela outra segundo a qual devemos evitar sobrecarregar demasiado o povo para ele não pensar que o Partido o quer explorar e consta do texto do Seminário de Quadros que segue:

«Devemos, para avançar com a nossa luta, no quadro da registência económica, evitar sobrecarregar demasiado o nosso povo, para ele não pensar que o nosso Partido também quer explorar. Sempre demos aos camaradas as palavras de ordem para não abusarem nos bens do povo, das galinhas do povo, das

vacas do nosso povo. Se for ele a dar aceitação, mas não devemos tomar nada à força. Nem sempre isso tem sido respeitado, nem sempre. Devemos estar conscientes de que aqueles que tentam explorar o nosso povo são criminosos, são favoráveis aos tucas, são inimigos do nosso povo, inimigos do nosso

Partido. Para casos desses é preciso saber claramente quem é que cometeu actos contra o nosso povo para ser condenado e mesmo fusilado, se for preciso. Seja chefe ou responsável. Os camaradas têm feito muito esforço para evitar abusos contra o povo. Os dirigentes do Partido têm feito muito esforço para evitar isso, nem todos, alguns, os responsáveis têm feito esforços para evitar isso, mas temos que acabar completamente com todos os abusos na nossa terra. Temos que tirar do nosso povo a carga demasiada e temos que

mostrar-lhes que nós nunca lhe fazemos, nem nunca lhe faremos mal.

«Temos além disso, que encorajar, procurar maneira de recompensar com elogios, com prémios, condecorações, a gente da nossa terra que produz mais. Nós queremos amanhã na nossa terra, o seguinte: que o nome pessoas que se elogia seja só o daqueles que produzem mais. Quem produzir mais arroz na nossa terra, uma pessoa, uma família ou uma cooperativa, a esses é que se levanta bem alto o seu nome, com prémios, são as melhores pessoas da nossa terra.



Cabral ca muri

«Ao ouvirmos as palavras dos representantes do MPLA-Partido do Trabalho, Frelimo e do MLSTP, é também um pouco da nossa própria história que é relatada, com as características retrógradas e desumanas que marcaram o período da dominação colonial portuguesa nos nossos países — afirmou o Presidente Luiz Cabral, no encerramento do Simpósio sobre o significado político do Massacre do Pidjiguiti. A abertura do acto tinha sido marcada por uma intervenção de cerca de uma hora, do Secretário-Geral, camarada Aristides Pereira.

O Secretário-Geral Adjunto, camarada Luiz Cabral, também agradeceu, nesse último dia, a participação de delegações amigas da República Popular Revolucionária da Guiné e do Senegal, representados pelos seus partidos no poder, e cujos povos nos ligam laços indissolúveis de sangue e de história». A ele reafirmou a nossa total disponibilidade na procura de caminhos novos e seguros de cooperação. Disse ainda que «continuaremos a defender junto da comunidade internacional, o direito do povo maubere irmão, e viver livre e independente na sua pátria ocupada pelas forças indonésias».

Por outro lado, felicitou as organizações de massa — Juventude, Comissão das Mulheres e trabalhadores da Guiné e Cabo Verde — que testemunharam, com sua presença, a fidelidade aos Mártires de Pidjiguiti. «A acção dessas organizações — acentuou — servindo-se do exemplo dos nossos heróis e mártires, também irá contribuir para que, através das gerações futuras, sejam preservadas a grandeza e a abnegação daqueles nossos irmãos que souberam sacrificar a própria vida pela liberdade e independência e a justiça nas nossas terras da Guiné e Cabo Verde».

O DECORRER DO ENCONTRO

Durante o Simpósio, entrevistaram os chefes de delegações de Angola, Moçambique, Timor-Leste, S. Tomé e Príncipe,

República Revolucionária da Guiné e Senegal, assim como as organizações de massas do nosso país: JAAC, UNTG e Comissão das Mulheres. As suas exposições basearam-se no enquadramento do dia do

Pidjiguiti no contexto da luta dos trabalhadores oprimidos e sob dominação colonial contra o inimigo comum que tentou e continua a tentar denegrir e abafar as reivindicações populares com cri-

mes.

Nesta base, os massacres de Mueda (Moçambique), Baixa do Kassinga (Angola), Batepá (S. Tomé) e Wuatuay (Timor-Leste) foram evocados. O representante de Fretilin acusou os Estados Unidos de ter «dado» luz verde ao criminoso general Suharto da Indonésia para invadir o território de Timor-Leste».

O Simpósio durou apenas dois dias. Mas, por si só, esse encontro de ve-

lhos companheiros de luta contra o mesmo inimigo de liberdade, resumiu o verdadeiro significado e a amplitude desta data histórica como marco nas etapas de luta dos povos oprimidos.

Referindo-se ao 3 de Agosto, em Bissau, o Secretário-Geral do PAIGC, Aristides Pereira, citou o facto como sendo a «primeira manifestação organizada de consciência política nova que, no contexto africano e interna-

cional da época não poderia ser outra coisa, a afirmação vigorosa de um sentimento nacional, embora embrionário, expressão da vontade quívoca do nosso povo se libertar da dominação colonial».

DUAS DATAS: O ARRANQUE DA LUTA E CHEGADA DOS HERÓIS NACIONAIS

A seguir ao dia da abertura, proferiu Aristides Pereira, as

Luiz Cabral na homenagem aos mártires

(Cont. da 1.ª página)

mas dos bombardeamentos da aviação colonial, das prisões da Pide. E que não foi apenas o nosso povo a única vítima das consequências da nossa guerra. Na Guiné-Conakri, no Senegal, que «serviram de retaguarda segura à nossa luta», em Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, com quem «criamos várias frentes de luta que nos deram força para lutar contra o colonialismo», também temos lá mártires da nossa luta.

«Lutamos juntos, vencemos juntos e hoje estamos decididos a marchar juntos na reconstrução nacional dos nossos países», disse, ainda, em relação a esses países, para acrescentar que para isso temos que utilizar todo o capital de amizade, de confiança e de solidariedade. Mas capital também nos objectivos traçados para o futuro dos nossos povos.

O povo de Timor-Leste, que ainda continua a lutar de armas na mão, contra a invasão indonésia, mereceu uma homenagem particular do nosso povo através do seu dirigente máximo, que reafirmou «todo o nosso apoio e a nossa solidariedade» e a certeza de que «eles têm que vencer». Luiz Cabral lançou ainda um apelo à comunidade internacional no sentido de não permitir o genocídio do povo maubere pelos invasores indonésios e que, na base dos princípios proclamados pelas Nações Unidas, «corresponda ao apelo daquele povo e reconheça o seu direito a se dispôr do seu próprio destino».

MUITO POVO NA INAUGURAÇÃO

Eram quase 17 horas e 30 minutos quando a comitiva presidencial, que integrava os camaradas Aristides Pereira, Luiz Cabral, João Bernardo Vieira, chegou ao local, acompanhado de outros membros do Partido e do Estado das duas Repúblicas irmãs, e delegações convidadas. A Praça, no centro do qual se ergue o monumento, estava repleta de gente que acorreu em massa, respondendo deste modo ao apelo do Comité de Estado da Cidade de Bissau. O recinto apresentava-se muito colorido, quer pelas bandeiras desfaldadas a brisa do mar, quer pelos trajes multicolores da multidão, quer ainda pelos cartazes com palavras de ordem em homenagem aos heróis do Pidjiguiti.

O camarada Juvêncio Gomes, falou à multidão para evocar o significado da data e fazer a descrição do monumento que representa uma mão semi-fechada, símbolo da nossa resistência. José Upadai Gomes, presidente do Comité do Partido de 3 de Agosto e um dos sobreviventes do massacre, recordou, emocionado, os acontecimentos daquela tarde de Agosto de 59. «Estamos aqui hoje reunidos num dia de tristeza, mas ao mesmo tempo, num dia também de sabura», começa ele por afirmar.

De tristeza explica ele porque recordamos os nossos irmãos barbaramente assassinados pelas balas do inimigo, e de sa-

bura, porque hoje temos a nossa terra livre e este monumento quer dizer que a direcção do Partido não esqueceu os mártires do Pidjiguiti e reconhece os seus sacrifícios». E prossegue: «Apesar da desigualdade de força, tivemos a coragem de exigir a nossa terra aos tugaç. Fizemos isso, eles responderam com fogo matando muito dos nossos companheiros, mas hoje não estamos arrependidos».

Sobre a unidade, que afirmou ser a força do Partido de Cabral durante a luta e que hoje «é indispensável para construir a nossa terra», José Upadai Gomes condenou todos aqueles que não querem a unidade e terminou o seu discurso reafirmando a certeza de que a luta continua.

SOMOS POVOS DE MÁRTIRES E DE HERÓIS

«Este é um dia grande e de vitória — disse Luiz Cabral — porque 20 anos depois do Pidjiguiti, todo o nosso povo vê a razão da luta dos mártires do 3 de Agosto, vê o resultado de toda a canseira do nosso povo durante a heróica luta de libertação nacional. Mas — prosseguiu — um dia também de vitória porque a população de Bissau e todo o povo da Guiné-Bissau viu os restos mortais dos nossos heróis nacionais Domingos Ramos, Pansau Na Igna e Osvaldo Vieira serem recebidos com todo o amor, com todo o carinho e grandeza».

«O povo da Guiné não foi só martirizado no

Pidjiguiti» disse o Presidente Luiz Cabral, que afirmou que os mártires do Pidjiguiti «deram-nos mais coragem para a luta» e que o crime do Pidjiguiti «deu-nos uma força nova para o combate pela nossa independência e liberdade». Em seguida, referiu crimes perpetrados contra o nosso povo como os bombardeamentos de Morés, de Balana, de Boé, de Como, que vitimaram crianças, mulheres e velhos e afirmou que «a cada bombardeamento surge nova força e coragem no combate contra o colonialismo» «Os crimes praticados nas prisões da Pide em Bissau, nas Ilhas das Galinhas, em Cabo Verde em qualquer parte do território nacional, deram-nos sempre nova coragem para avançarmos».

«Mas, recordou Luiz Cabral, não somos apenas povos de mártires. Somos também povo de grandes heróis, povo vencedor de batalhas como as de Como, de Morés, de Boé, primeiro território livre da Guiné-Bissau, e de Guiledje, última etapa do fim do colonialismo na nossa terra: «Vitória no caminho do PAIGC, o nosso glorioso Partido, Partido de Cabral, que fez levantar a nossa terra e nos deu força para hoje imortalizarmos neste monumento que agora inauguramos aos mártires do Pidjiguiti». Mas, segundo Luiz Cabral, este monumento tem que ser para nós um farol que nos inspire em cada momento do nosso combate de hoje. Um farol que ilumine as nossas crianças para que cresçam com o espí-

rito de combatentes do Pidjiguiti, de Morés, do Sul, do Norte, do Leste da nossa terra. «As nossas crianças têm que crescer com amor à liberdade ao progresso e à justiça porque caíram os nossos mártires do Pidjiguiti».

E Luiz Cabral prosseguiu: «Deve ser um farol de liberdade e que nos leve a reforçar a nossa democracia cada vez mais, para sermos verdadeiramente um povo livre, um povo que tenha consciência da sua liberdade. Mas um povo também que seja responsável pela sua liberdade».

Aos combatentes da liberdade da Pátria, o camarada Presidente recordou que a luta ainda não terminou e que ela continua ainda «porque a independência e a liberdade, a bandeira do PAIGC na Guiné e em Cabo Verde são a condição primeira para podermos transformar a vida do nosso povo, para acabarmos com a miséria, a doença, a exploração e o sub-desenvolvimento e para construirmos uma pátria de progresso, de felicidade para todos os filhos da nossa terra».

O camarada Presidente felicitou ainda, a semelhança do camarada Juvêncio, o arquitecto jugoslavo Argene Nicolas, autor do projecto do monumento, operários e técnicos das Obras Públicas pelo bom trabalho feito e pelo entusiasmo militante que colocaram na sua construção. Ele irá permitir dar a cidade de Bissau «que temos que transformar cada dia mais» toda a beleza da

nossa luta gloriosa. monumento de vitória porque só com vitória possível fazer um monumento tão belo para recordar os mártires do Pidjiguiti».

«O monumento aos mártires do Pidjiguiti deve acordar-nos cada mais para o trabalho engrandecimento e vez mais das nossas terras da Guiné e Cabo Verde. Ele deve lembrar a todos a necessidade de sermos cada dia melhores de melhorar cada vez a nossa cabeça, o nosso pensamento, de cada sermos homens mais retos, mais sérios e militantes, mais revolucionários, melhores combatentes do nosso grande Partido — PAIGC».

«Portanto, concluiu o camarada presidente, o monumento vai ser para nós a cada momento um motivo de inspiração também na grande responsabilidade que temos de criar uma Nação forte e unida que luta tréguas contra todos aqueles que e desequilibram na nossa terra o imperialismo, o regionalismo, o racismo ou qualquer outro privilégio de grupos ou de classes dentro da nossa terra para podermos ser de facto uma nação que corresponda aos sacrifícios cometido para a construção da Pátria guineense-caboverdeana, a Pátria africana dos povos da Guiné e Cabo Verde, construída com tanta bravura, tanta grandeza e coragem que hoje nos dá uma face nova, uma grandeza para prosseguir a nossa luta».

Impósio sobre o Massacre

Os que conheceram o mesmo sacrifício criminoso sistema colonial português

ções dos representantes da Guiné (Konakry) e Timor-Leste suscitaram vivas aclamações dos presentes no Salão do III Congresso, pelas suas palavras emocionantes e marcadas no tema que presidiu ao Sim-
io.

camarada Béla Doumbouya, Comissário-Geral da Revolução de Moçambique, delegado da República Popular e Revolucionária da Guiné, fazendo uma longa análise da luta do nosso povo, que sempre contou com o apoio do PDG e do seu povo, considerou o XX Aniversário do Massacre de Pidjiguiti como uma data com significados. «O primeiro marcou o arranque da marcha irreversível do povo para a conquista dos seus direitos fundamentais. E o segundo pode ser considerado como o resultado dessa marcha gloriosa: o regresso dos restos mortais dos tombados pelas balas do «colon português, defendendo a honra e a dignidade do povo».

Béla Doumbouya apontou a importância do desencadeamento da luta na Guiné, Angola e Moçambique e sublinhou que dez anos de sofrimento (Janeiro de 63 a Janeiro de 73) tombaram me-

lhores filhos da nossa terra mas também foram alcançadas vitórias militares e políticas que levaram o colonialismo português a assassinar Amílcar Cabral. «Enganaram-se porque ignoravam que antes de ele morrer já haviam morrido vários

PDG, inclinam-se com pesames e diz-lhes muito obrigado» sublinhou Béla, recitando, em seguida um emocionante poema da autoria do Chefe Supremo da Revolução guineense, camarada Hamed Sekou Turé, dedicado aos «Combatentes da Liberdade

coragem e engendrando a consciência da coragem? Onde estão os combatentes imortalizados / que partiram para ficar / Esses mortos que criam a vida / mobilizando e guiando o povo ... Estão integrados na História, na revolução em cada povo

combatentes da liberdade». Aproveitou a oportunidade para render uma homenagem a Amílcar Cabral, «esse ilustre combatente, esse africano de qualidades excepcionais cuja acção inteligente e a coragem tranquila, deixarão traços indelévels na história da África, e do resto do mundo amante da paz e liberdade» — disse.

O delegado senegalês felicitou o PAIGC pela política inteligente e realista nesta rude batalha pelo desenvolvimento económico e social do povo». Também evocou a memória dos primeiros heróis contra a penetração colonial: Sundiata Keita, Samory Turé, El Hadj Omar, Alpha Yaya, Mansah Wali, Fodé Kebá e outros «cujos feitos terão os nossos gritos e cânticos, de geração em geração».

REVOLTA DO POVO É NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO

«A História tem factos marcantes na vida dos povos que merecem ser revividos. O Massacre do Pidjiguiti é um deles (...) O povo era humilhado, vilipendiado e a revolta não era sessão a recusa concreta daquilo que o povo jamais quis aceitar» — palavras proferidas pelo camarada Venâncio da Silva Moura, do CC do MPLA-PT e Vice-Ministro das Relações Exteriores.

O representante angolano referiu-se à onda de repressões seguidas noutras ex-colónias após o

acontecimento do Pidjiguiti e o alastramento da consciência de luta. Em Angola, na Baixa do Cessange, em 1960, os trabalhadores do algodão, aglomerados em manifestação com crianças velhas e mulheres, foram brutalmente fuzilados com balas assassinas.

O 4 de Fevereiro, surge um ano depois como um acto de patriotismo que encarna já uma tomada de consciência organizada dos trabalhadores, sob a orientação do MPLA.

Venâncio Moura incluiu também na sua exposição, uma análise alargada da situação actual da nação angolana. A análise incidiu fundamentalmente sobre as estruturas de desenvolvimento da economia do país, e a organização das empresas industriais na base de uma nova produção socialista.

500 PESSOAS CEIFADAS EM MUEDA

A maçança a sangue-frio de 500 camponeses, a 16 de Junho de 1960 em Mueda, Cabo Delgado, em Moçambique, constituiu uma prova da natureza agressiva repressiva e do regime português. O facto foi citado pelo camarada Rafael Magouni, quadro superior da Frelimo e Secretário-Geral da Organização de Jornalistas Moçambicanos, que evocou também a greve de Agosto de 63, na então

(Cont. na pág. 6)



O camarada Presidente Luiz Cabral acende a chama do monumento no acto inaugural

filhos do povo da Guiné, pela mesma causa».

«Perante esses heróis imortais da Revolução Democrática Africana, o povo do 28 de Setembro e o seu grande Partido,

de Africana».

Resumidamente o poema diz: «Onde estão eles / os grandes soldados do progresso / os gigantes do grande combate / engendrado pela consciência

e na vida que vive».

Coube, em seguida, a vez do convidado do Partido Socialista Senegalês, «juntar a sua voz ao povo irmão da Guiné-Bissau para honrar esses primeiros

Pioneiros num encontro com os sobreviventes

Uma pequena sessão informal marcou sábado passado, às 17 e 20 minutos, no Salão do III Congresso, o encontro dos jovens e pioneiros com os marinheiros sobreviventes do Massacre de Pidjiguiti. A sessão foi orientada pela direcção da JAAC, na presença do camarada Otto Schatch, que também falou do papel da juventude na fase actual, relacionando-o com o massacre. O orador principal, foi o marinheiro José Upadai Gomes. Os pioneiros e jovens presentes fizeram várias perguntas a volta do acontecimento de 1959.

José Upadai Gomes fez um longo historial sobre esse prelúdio da derrocada do colonialismo na Guiné-Bissau; a situação dos marinheiros antes do 3 de Agosto, a preparação da greve com consultas políticas às células clandestinas do Partido na capital e, posteriormente, a posição firme dos barqueiros em prosseguir a militar no Partido, desviando barcos para as zonas libertadas e sabotando o trabalho no mar. A senha da morte, o sinal de fuzilamento foi dado por Carneira ao sacudir para o ar um lenço vermelho.

O capitão do «Barreiro», Ocante Benunte, era o activista de ligação com as células do Partido e o célebre lutador, na tarde chuvosa

de Agosto de 59. António Nola, o lendário que avançou sobre o fogo e abriu o portão para salvar o resto dos companheiros.

Os cadáveres que deviam ser queimados a gasolina, foram levados ao cemitério no dia seguinte graças a manifestação corajosa das mulheres e familiares junto ao Palácio. Foi a partir dessa data que as tabernas passaram a fechar à 19 hora e não às 21 como dançes. Em cada 3 de Agosto, a partir de 59, o exército colonial mantém uma cerrada prevenção em todos os pontos estratégicos e nas ruas da cidade. Temia-se outro Pidjiguiti.

O pioneiro Idelfrides quer saber mais ainda: «Eu não tinha nascido nessa altura e nem sabia se viria a nascer. Mas ouvi falar da maldade de Malaguetta e de Canhuteiro. Quem eram de facto?»

Malaguetta era primeiro cabo da polícia que, segundo Upadai, aplicava severos castigos aos prisioneiros. Chegou mesmo a proibir as escassas refeições aos detidos do 3 de Agosto, juntando para os seus porcos a comida pois estes tinham mais valor que os revoltados. O Canhuteiro era tenente da Polícia e não era difícil concluir a magnitude das suas ordens.



A população da capital, organizado em comités de bairros rendem homenagem aos homens do 3 de Agosto

Grande número de participantes nas provas de atletismo e ciclismo

Manifestações desportivas, contendo provas de bicicletas e pedestres, levada a cabo pelo DCCR da JAAC, em comemoração ao XX aniversário do Massacre de Pidjiguiti, prenderam a atenção de muitos espectadores neste fim de semana, na Praça dos Heróis Nacionais.

A pesar de muitos dos atletas inscritos não terem participado, as diversas provas conheceram uma competição que não se esperava.

A Praça dos Heróis Nacionais (local da partida e chegada) estava animada neste fim de semana. Os adultos falavam das provas e os miúdos iam de um lado para outro acompanhando freneticamente os competidores. Várias pessoas expressaram o seu desejo de que estas provas se realizem mais vezes. A prova de marcha, que pela primeira vez se pratica no país, e o contra-relógio foram as que mais despertaram a atenção.

Os três primeiros classificações em cada uma das provas realizadas:

Corridas de bicicleta — Juvenis — 1.º Leonel Hedo com 6 minutos e 35 segundos do bairro de Reno/Gambiafada; 2.º Adilson Gonçalves Cardoso com 6,39 da Escola Justado Vieira; e António da Costa Ribeiro com 6,42 do Bairro de Mindará Juniores — José Sá Junior com 10 minutos e 06 segundos, CEABIS; Ricardo Tomás Cabral 10,08, bairro Chão de Papel; Apio Salvador Gomes, 10,10, Escola Justado Vieira.

Corridas pedestres — Juvenis — 1.º Katali Ferreira com 5 minutos e 15 segundos do bairro de Péfina; 2.º Romualdo C6, 5, 17, bairro de Reno/Gambiafada; e 3.º Victorino C6, 5,20 do bairro de Péfina. Juniores — 1.º Francisco Mendes, com 10 minutos e 47 segundos, das Obras Públicas; 2.º Idrissa Seidi, 11,25,

Escola Salvador Allende e Augusto Gomes com 11,36 do bairro de Péfina. Seniores — 1.º José António da Silva Júnior, com 17 minutos e 25 segundos, do bairro Reno/Gambiafada; 2.º Augusto da Sanna, com 19,04 do bairro de Missirá; e Leonardo Cardoso, com 20,03 do Liceu Nacional Kwame N'Krumah.

Contra-relógio — Juvenis — 1.º Adilson Gonçalves Cardoso, 1 minuto e 37 segundos, da Escola Justado Vieira; 2.º Lineu Ledo Pontes, com 1,42, do bairro Reno/Gambiafada; e Germano Vieira, 1,49, do bairro Chão de Papel. Juniores — 1.º Ricardo Tomás Cabral, com 2 minutos e 20 segundos, do bairro Chão de Papel; 2.º Apio Salvador, com 2,24, da Escola Justado Vieira; e Rui Marques Correia, 2,30 do bairro 24 de Setembro. Em Seniores só houve dois concorrentes — 1.º Nuno António José Sá,

com 2,42, bairro de Belém; e Agostinho Gomes, com 3,04, do bairro de Missirá.

Marcha (djanzi) — Juvenis — 1.º Nestor da Silva, com 5 minutos e 4 segundos, do bairro da Ajuda; Alexandre Pereira Borges, com 5,05, bairro Chão de Papel; e Mário Policarpo Bernardino, com 5,07, Liceu Nacional Kwame N'Krumah. Em Juniores só houve dois concorrentes — 1.º Ansumane Sanna, 10 minutos e 17 segundos do bairro Mindará; e Fernando C6, com 10,20, do bairro de Mindará e em Seniores — 1.º Marcelino Baptista Sanna, com 9 minutos e 54 segundos, do Liceu Nacional Kwame N'Krumah; 2.º Guilherme Semedo, com 9,56, do Comissariado da Educação Nacional; e Bubacar Baldé, com 10,04, do Liceu Nacional Kwame N'Krumah.

Na prova de estafeta

Séfim-Bissau — 1.º equipa A do Comissariado das Obras Públicas; 2.º Equipa A do bairro de Bissau-Novo e por último em 3.º a equipa B do bairro de Bissau Novo.

Segundo o Departamento de Cultura, Desporto e Recreação, os prémios serão distribuídos no dia 19 de Setembro, por ocasião da Semana Juvenil que decorrerá de 12 até 19 do próximo mês. Por outro lado, a prova de Corta-mato que não se realizou no dia marcado, será efectuado no dia 12 (domingo). inscrições para esta prova ainda continuam abertas até o dia 11 (sábado).

Entretanto, soube-se através da Secção desportiva deste Departamento que a quinta jornada de campeonato de defeso em futebol efectuar-se-á nos dias 11 e 12 do corrente mês.

Bandim-2

"Pulgas" e "Djorçon" empataram

O estádio «CACOMA» (Cajú, Coco e Mango) voltou a concentrar centenas de nadantes (homens, mulheres e crianças) do bairro de Bandim-2 para cada um dos jogos em favor da equipa que considera na sua zona. Neste último fim-de-semana, cumpriu-se a segunda jornada do campeonato de desporto daquele bairro, tendo-se apurado os seguintes resultados: F.C. «Pulgas», 1 — Djorçon, 1, Bô Na Gosta, 3 — Pamparida, 1 e UDAK, 1 — Djâgras, 0.

Dos três embates, o que melhor espectáculo ofereceu aos habitantes de Bandim-2 e do bairro vizinho, foi aquele que opôs os homens do «Pulgas» a do Djorçon.

A formação djorçonense que contra neste desporto com os serviços do guarda-rede, Maio (U.D. I. B.), de Pedro Gomes e Nuno Helder (Ténis Clube) e ainda de vários bons executantes não fudados, apresenta-se nestas primeiras jornadas como séria candidata ao título. Ocupa a segunda posição com três pontos, menos um que o primeiro classificado, UDAK. Daí a razão do seu favoritismo. Aliás, se vencesse igualava o actual guia.

Entretanto, o «team» de «Pulgas» onde militam alguns federados nomeadamente Júlio (Benfica) e Boaventura (Sporting), esteve quase a causar «escândalo» no CACO-

MA. Jogando ao primeiro toque e aproveitando muito bem os espaços vazios, o «Pulgas» foi no cómputo geral, mais equipa que o seu adversário. Contudo, faltou aos atacantes sangue frio para concretizarem as várias ocasiões de golo criadas, ao longo do desfolio.

Os dois tentos desta partida foram apontados por Djone («Pulgas»), aos 30 minutos, na marcação de um livre directo e por Keita (Djorçon), os 39 minutos, numa jogada de contra-ataque.

O tres-um verificado um embate Bô Na Gosta-Pamparida, reatou novamente aquilo que passou durante os 90 minutos. Os campeões de Bandim-2 superaram de longe, os seus adversários, onde as ausências de Futana, Rui, Agostinho e Bubu (FARP) por motivos de preparação para as provas extraordinárias, foram bastante notórias.

No que diz respeito ao confronto UDAK-Djâgras, temos a salientar que o resultado de 1-0 a favor da equipa da UDAK (União Desportiva Académico de Kobom) foi um prémio justo para a formação vencedora.

Os primeiros 45 minutos deste encontro terminaram com o «placard» em branco. Aos 39 minutos da segunda parte, Pagâncio, na marcação de grande penalidade, apontou o único golo do encontro.

Taça de África

A equipa nacional de Zaire «Os Leopardos» bateu a sua homologa da Guiné (Syli Nacional) por três bolas a duas no jogo da primeira mão, da segunda volta das eliminatórias da 12.ª Taça da África das Nações.

O jogo da segunda mão terá lugar no dia 19 do corrente mês no estádio 28 de Setembro em Conakry.

Simpósio sobre o Massacre de Pidjiguiti

(Cont. das Centrais)

Lourenço Marques e assucessivas manobras da «política ultramarina portuguesa», com a sua argumentação hipócrita e racista.

Aclamando os nomes dos mártires dos massacres do Pidjiguiti (Bissau), Icolo e Bengo (Angola), Batépá (S. Tomé), aquele orador terminou reafirmando que as memórias dos nossos heróis neles tombados enche-nos de orgulho legítimo. O sangue que verteram exige que respeitemos o seu sacrifício, construindo pátrias livres para sempre da dominação, da opressão e da exploração do homem pelo homem.

O documento apresentado pelo Ministério da

Educação e Desporto de S. Tomé e Príncipe baseou-se num desenvolvimento dos factos que procederam a revolta dos trabalhadores, violentamente reprimida a 4 de Fevereiro de 1953, em Batépá, por ordem e comando directo do Governador Carlos Gorgulho. Esse criminoso homem qualificava de «revoltas comunistas», as reivindicações do povo, submetido a um escravagismo tacitamente denominado «sistema de contratado».

S. Tomé conheceu formas exploratórias das mais desumanas do mundo, (que perduraram até ao 25 de Abril), desde o comércio de escravos, a implantação da cultura de cana-do-açúcar e do cacau, seguidas de inú-

meras revoltas. «A roça ou fazenda que surge — acentuou — é o efeito combinado da forma de exploração da terra e do homem que nela trabalha servilmente e essencialmente para produzir matérias primas agrícolas destinadas a exportação, com relações específicas de trabalho, em que o trabalhador fica sob o domínio absoluto do patrão».

CORTAR ASAS AS ÁGUIAS DE DJAKARTA

«Não esqueçamos que, neste momento em que comemoramos o 20.º aniversário do Massacre do Pidjiguiti, ainda há povos que lutam, e enfrentam novos Pidjiguitis» — chamou assim a atenção, o camarada Rogério Lobaço,

para o caso concreto do seu país presentemente na luta contra os invasores da Indonésia. Rogério Lobaço é membro do Comité Central da Fretilin e Ministro de Defesa de Timor-Leste independente que, no Simpósio de Bissau atraiu a atenção da assistência no Salão do III Congresso, ao fazer um discurso vivo, de emoção, visivelmente transparecendo-lhe no rosto de combatente.

Segundo ele «os Estados Unidos é que deram luz verde ao criminoso Suharto, (Indonésia), para invadir o território em 1975.» por considerar que a Fretilin, poderá dificultar a influência norte-americanas no Índico.

Toda a história dessas manobras resume-se a necessidade de os EUA continuarem a manter as ligações estratégicas entre as bases nucleares de Diego Garcia (Índico) e Guam (Pacífico). Com a queda dos regimes de Pol Pot e Van Thiew, na Indochina, E.U.A. começa a perder o controle do mar e tornar-lhe indispensável escolher o estreito de Ombai e Weter situados nos limites das águas territoriais de Timor-Leste, cuja revolução não é vista a bons olhos do imperialismo.

«As águias de Jakarta querem voar alto demais, mas não têm asas para tanto — comentou. Vinte anos após o vergonhoso e hediondo crime dos colonialistas em Bis-

sau, podemos ficar radiante de alegria porque Guiné-Bissau e Cabo Verde são hoje independentes. As águias de Lisboa de então quiseram voar alto demais, mas pararam-lhes as asas e caíram».

O dirigente timorense comparou ao acontecimento do Pidjiguiti, ao massacre do «Timor-Leste sangrento de 1959, em Waçuaya». Cerca de cinco mil filhos mauberes tingiram de sangue a ribeira de Babui.» O único crime desse povo foi o de querer ser livres (...) mas podemos gritar alto e a bom som que Timor-Leste será livre», exprimiu Lobaço recitando para terminar, um poema de luta feito por um companheiro de arma timorense.

Itália Já tem governo

ROMA — O novo governo italiano, formado por partidos Democrata-Cristão, Social-Democrata e Liberal e dirigido por Francisco Cossiga (democrata-cristão), prestou juramento no domingo de manhã na presidência da República.

Cossiga formou o seu governo no sábado, depois que outro democrata-cristão, Filippo Maria Pandolfi renunciou a constituir governo, devido à oposição socialista.

As primeiras críticas ao gabinete de Cossiga vieram da extrema-esquerda e dos radicais que vêm no antigo ministro do Interior a ilustração da «violência e da importância» do Estado italiano (referência ao caso Moro).

Cossiga tem 51 anos. É primo afastado de Enrico Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista e, tal como este, de origem sarda. (FP)

Angola e a instauração do poder popular

LUANDA — A instauração do poder popular em Angola, nomeadamente a constituição de uma Assembleia Popular, foi considerada pelo presidente Agostinho Neto como uma das prioridades da política angolana.

Discursando por ocasião do quinto aniversário da criação das F.A.P.L.A. (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola), comemorado a 1 de Agosto, o chefe de Estado angolano declarou: «Penso que nas condições actuais, podemos avançar para o estabelecimento do poder popular, a fim de termos no país o que nos falta para completar as estruturas do Estado, ouer dizer uma Assembleia do Povo».

Neto afirmou que Angola possui condições políticas para a constituição deste órgão, mas precisou que o seu país não terá ainda esta assembleia, pois antes disso «é urgente criar os organismos populares» que possam conduzir a esta nova estrutura do Estado.

Abordando os problemas internos, o presidente Neto afirmou que «o homem da rua deve ter confiança no nosso partido, no nosso gover-

Um acordo de paz foi assinado no domingo em Argel entre a Mauritânia e a Frente Polisário. O acordo comporta o reconhecimento oficial do movimento saharauí pela Mauritânia que reafirmou a sua vontade de sair definitivamente da guerra iniciada em Novembro de 1975, quando invadiu o Sahara Ocidental.

Segundo o texto do acordo, «a República Islâmica da Mauritânia declara solenemente que não terá reivindicações territoriais ou outras no Sahara Ocidental, decide acabar definitivamente com a guerra injusta do

Sahara Ocidental seguindo as modalidades adoptadas em comum acordo com os representantes do povo saharauí, a Frente Polisário».

O texto afirma também que as duas partes «decidem pelo presente acordo assinar uma paz definitiva, e a realização de encontros periódicos entre elas a fim de cumprir as modalidades enunciadas no primeiro parágrafo. No entanto, o documento não indica nenhum calendário preciso sobre as modalidades e a data da retirada da Mauritânia da parte do Sahara Ocidental que ocupa.

O acordo deve ser transmitido aos secretários gerais da ONU e da OUA, aos membros do Comité «Ad hoc» da OUA sobre o Sahara Ocidental, assim como ao presidente em exercício dos Não-Alinhados.

Este acordo de paz mauritano-saharauí é uma grande vitória para os patriotas saharauí, e demonstra realmente a vontade da Mauritânia de encontrar uma solução justa para o problema, posição que confirma o voto favorável ao povo saharauí na cimeira da OUA.

Deste modo, o Marrocos

ficou isolado diplomaticamente em África. Com efeito, a Mauritânia, assinou o acordo apesar das ameaças marroquinas, nomeadamente do rei Hassan II que advertiu as autoridades mauritanianas que, se for necessário, o Marrocos assumiria a «sua responsabilidade única, vital e obrigatória, de defender a sua perenidade», portanto opôr-se-á à decisão mauritaniana de restituir à Frente Polisário o sul do Sahara Ocidental, que coube a Mauritânia segundo o acordo tripartido de Madrid, que face ao acordo mauritano-saharauí perde todo o valor.

Cimeira da Commonwealth propõe novas eleições na Rodésia

LUSAKA — Os chefes de Estado dos países membros da Commonwealth aceitaram um plano de regulamento da questão da Rodésia, preparado durante o fim da se-

mana por seis países membros (Tanzânia, Nigéria, Zâmbia, Grã-Bretanha, Canadá e Jamaica) e que prevê a elaboração de um novo projecto de constituição para a Rodésia, assim como a realização de novas eleições neste território.

Segundo os observadores, o essencial deste documento, que deve ser ainda submetido à aprovação do governo britânico, é a aceitação por Londres de supervisionar as novas eleições na Rodésia e de redigir um novo

projecto de constituição à antiga colónia britânica da África Austral.

Se o gabinete britânico aprovar este texto, que deve constar amanhã no comunicado final da conferência da Commonwealth, a Grã-Bretanha procurará imediatamente redigir as modificações constitucionais que foram propostas. Os mesmos observadores acrescentam que Londres deverá iniciar então negociações bilaterais a fim de chegar a um acordo com as diferentes partes implica-

das no conflito rodésiano.

No entanto, não é de prever uma nova conferência de Genebra sobre a Rodésia, mas indica-se que uma reunião poderá ser necessária para selar as propostas e abordar os problemas levantados pelas medidas de transição e pelas forças de segurança.

Por outro lado, o plano apela a Commonwealth a contribuir para «a paragem da guerrilha e o levantamento das sanções contra o regime rodésiano». — (FP)

Golpe de Estado na Guiné-Equatorial

A Rádio-Malabo confirmou no domingo que Francisco Macias Nguema, chefe de Estado da Guiné-Equatorial, foi derrubado na sexta-feira passada, por um golpe de estado militar sem efusão de sangue.

Um Conselho Revolucionário Militar, dirigido pelo vice-ministro da Defesa, Theodore Ebiang Nguema Mbazego, substituiu o antigo governo, acrescentou a rádio, precisando que este respeitará as cartas da ONU e

da OUA.

Estes rumores, que se fundamentam num comunicado que foi difundido pela rádio Baía, acrescenta que o ex-presidente Macias Nguema foi detido sexta-feira na sua aldeia natal, a alguns quilómetros de Mengomo, cidade situada perto da fronteira com o Gabão.

Num requigatório contra o regime derrubado a rádio, depois de ter lembrado que a Espanha concedeu a independência à Guiné-Equatorial em 1968

sem derramamento de sangue, sublinhou que há 11 anos o país vive sem quadros que fugiram do terror instaurado por Macias Nguema.

«As aldeias estão abandonadas, a miséria instalou-se, as prisões arbitrárias são moeda corrente, e os assassinatos por conspirações imaginárias provocam 50 a 60 vítimas diárias», acrescentou a Rádio-Malabo que indicou várias vezes que Macias Nguema já não é chefe de Estado da Guiné-Equatorial. (FP)

Reconstrução do Ghana

ACCRA — As forças armadas do Ghana vão passar a contribuir nas actividades de reconstrução económica do país. Num discurso proferido em Koforidua, a 50 quilómetros de Accra, o capitão Jerry Rawlings, presidente do Conselho Revolucionário das Forças Armadas (CRFA), declarou que as forças arma-

das ghanenses participarão nos trabalhos públicos, nos hospitais, na agricultura, e construirão as suas próprias casernas.

«Doravante, toda a nação ghanense deve ser produtiva», afirmou Rawlings, indicando que a população considera os militares improdutivos. O presidente do CRFA

preveniui que todos os elementos improdutivos dos escritórios serão transferidos para os sectores produtivos, como a agricultura e a construção. Ameaçou também de prisão os comerciantes que especulam com o preço dos produtos de primeira necessidade (FP)

SALISBÚRIA—O chate de um dos grupos fanáticos da Rodésia, Nuapaninge Shitoie encontra-se desde sexta-feira passada em visita ao Zaire e poderá ir a outros países africanos. Shitoie declarou que o principal objectivo da sua estadia no Zaire é «travar conversações com amigos», entre os quais alguns membros do governo zairota. (FP)

GM INVESTE NA RSA

ÁFRICA DO SUL — A sociedade americana automóvel (General Motors) anunciou um novo investimento de capitais na África do Sul, sob forma de acções adicionais de cerca de 25 milhões de dólares. General Motors tem importantes fábricas de construção automóvel em Port Elizabeth (provincia oriental do Cabo). (FP)

NOVAS ESTRADAS

ADDIS ABEBA — Quatro grandes estradas intercontinentais serão brevemente construídas em África, além das cinco actualmente em construção, informou o secretário executivo da Comissão Económica da ONU para África (CEA), Adebayo Adebisi. Estas quatro novas estradas ligarão Trípoli (Líbia) a Windhoek (Namíbia), Beira (Moçambique) a Lobito (Angola), N'Djamena (Tchad) a Magsawa (Etiópia), e Nouakchott (Mauritânia) ao Cairo (Egipto). (FP)

LIBERTAÇÃO DE HABIB ACHOUR

TUNIS — Habib Achour, antigo secretário-geral da central sindical tunisina UGTT, foi libertado na sexta-feira passada, anunciou o próprio presidente Bourguiba, num discurso retransmitido em direcção para rádio, a partir de Monastir. O antigo dirigente sindical foi graciado juntamente com oito presos de oposição «perspectivas». (FP)

GUERRA DO UGANDA

DAR ES SALAM — Quatrocentos e trinta e cinco soldados das forças ugando-tanzanianas morreram durante os oito meses de guerra contra as tropas do ditador Idi Amin Dada, anunciou a agência oficial tanzaniana Shihata. 31 destes soldados eram membros do Exército de Libertação do Uganda, e os restantes tanzanianos. A agência precisou que só 96 soldados morreram em combate. (FP)

Domingos Ramos, Pansau e Osvaldo ao lado de Cabral e Chico Té

A população de Bissau acolheu na quinta-feira à tarde os restos mortais dos heróis nacionais Domingos Ramos, Pansau Na Isna e Osvaldo Vieira, que desde sexta-feira de manhã repousam na fortaleza de Amura, ao lado dos seus companheiros de luta Amílcar Cabral e Francisco Mendes. O acto contou com a participação dos camaradas Aristides Pereira e Luiz Cabral, respectivamente, Secretário-Geral e Secretário-Geral adjunto do Partido, do Comissário Principal João Bernardo Vieira e demais membros do Partido e Governo das duas Repúblicas irmãs, de delegações de países amigos presentes às comemorações do XX Aniversário do Pidjiguiti, do corpo diplomático e numeroso público.

Passava das seis horas da tarde de quinta-feira quando o helicóptero da Força Aérea aterrou o recinto defronte ao Salão do III Congresso, transportando as urnas que continham os restos mortais dos heróis nacionais. Eles vieram da Guiné-Conakry onde se encontravam sepultados, a excepção de Pansau Na Isna, que foi sepultado no Sector de Nhacra, onde veio a cair já nos fins dos anos da luta. Acompanham-nos os nossos respectivos embaixadores e foram recebidos pelos camaradas Nino Vieira, Tchutchu Axon e Paulo Correia e os membros do Estado-Maior. O cortejo constituído na sua maioria por crianças «as flores da nossa luta» terminaria na sede do Partido, na praça

dos Heróis Nacionais, onde eram aguardadas as urnas pelos camaradas Aristides Pereira, e Luiz Cabral e outros dirigentes.

A multidão aguardava em silêncio absoluto. O camião militar, transportando os restos dos nossos heróis do Boé, de Como, e de Morés, vinha em marcha fúnebre. O povo, que mais tarde iria curvar-se perante as urnas expostas no salão «Amílcar Cabral» da sede do Partido durante toda a noite de quinta-feira, viu os seus heróis serem trans-

portados aos ombros dos seus companheiros de luta, que lhes renderam igualmente homenagem com um minuto de silêncio. Seguir-se-ia a apresentação dos cumprimentos às famílias das vítimas. Verteram-se lágrimas e os antigos companheiros das horas difíceis, choraram os nossos heróis.

HOMENAGEM DAS FARP

«Domingos Ramos, Pansau Na Isna e Osvaldo Vieira pertencem à pleiade dos jovens da nossa terra que, em cumprimento da palavra de ordem do nosso Partido de responder à violência criminosa do colonialismo português pela violência revolucionária das massas em armas, decidiram deixar Bissau e outras praças da nossa terra para se dedicarem inteiramente à causa do nosso povo, abraçando o caminho da luta e da glória, assim falou o camarada Sandji

Amura foram recebidos por Aristides Pereira e Luiz Cabral, tendo em seguida sido transportados para o mausoléu, aos ombros dos oficiais das FARP. Houve toque fúnebre salva de morteiro e o hino nacional após o qual as FARP, na pessoa de Sandji Façi juraram assumir o honroso compromisso de jamais trair os ideais «por que lutaram, e de continuar com o PAIGC até à vitória final.»



Junto do Mausoléu Amílcar Cabral, os dirigentes máximos do PAIGC prestam homenagem aos heróis nacionais

Façi jovem oficial em nome das FARP, no acto solene de trasladação dos restos mortais dos nossos heróis, sexta-feira de manhã.

As urnas, trazendo os restos mortais dos heróis nacionais foram transportadas em viaturas blindadas das FARP, ordenadas com flores e trazendo à frente e atrás quadros com fotografias dos heróis nacionais. Chegados à Fortaleza de

Ao evocar os nomes de Domingos Ramos, Pansau Na Isna e Osvaldo Vieira, referiu-se às suas qualidades de combatentes exemplares e devotados à causa do nosso povo e afirmou que eles não puderam chegar ao fim da caminhada e viver a vitória por que se bateram consentindo o sacrifício supremo, mas que estarão sempre presentes no coração do nosso povo.

Concordaram ainda na necessidade de desenvolver uma cooperação financeira a fim de estimular o comércio bilateral. Com esse objectivo examinaram a proposta de concessão de uma linha de crédito de cinco milhões de dólares, cerca de 170 mil contos, para importação de produtos brasileiros, que serão pagos em oito anos, a contar a partir do segundo ano, com uma taxa de juro de seis por cento.

O Governo da Guiné-Bissau responderá por vias diplomáticas a concretização desse empréstimo. Segundo nos disse o chefe do departamento da África, Ásia e Oceania do Ministério Brasileiro das Relações Exteriores, à medida que aumenta o volume do comércio assim este empréstimo pode ampliar, triplicar e renovar. «Esta é apenas uma espécie de proposta inicial. Podemos dizer que esta concessão é um pré-fácio para o patamar seguinte no caminho da nossa cooperação».

Segundo a acta final da primeira reunião da Comissão Mista Guiné-Bissau Brasil, verificando a importância de intensificar as relações comerciais foram exploradas novas oportunidades de intercâmbio entre os dois países. O camarada Armando Ramos, Comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, e chefe da delegação do nosso país

Reunida em Bissau a Comissão Mista Guiné-Bissau/Brasil

As delegações da Guiné-Bissau e do Brasil, reunidas em Comissão Mista declararam no final que a cooperação entre os dois países seria particularmente útil nos domínios da formação de quadros, do desenvolvimento rural, informação e cultura, transportes e turismo, saúde e assuntos sociais, além de outros aspectos como os da industrialização da cana-do-açúcar e do cajú.

À reunião da Comissão Mista frisou na sessão de encerramento que «damos grande importância à cooperação económica, técnica e científica com a República Federativa do Brasil e, essa cooperação deve assentar em bases sólidas».

No final da reunião, foi trocado também o instrumento de ratificação do acordo comercial assinado entre os dois países que, como a classificava o camarada Armando Ramos, «é uma base para a aplicação na prática das nossas relações comerciais».

Neste âmbito, está prevista para breve a deslocação de uma delegação comercial guineense ao Brasil a fim de conhecer melhor o mercado brasileiro.

As duas partes reconheceram que «a Comissão Mista é foro de consulta adequada para a avaliação de programação das actividades culturais, económicas e comerciais entre ambos os países. Concordearam, por outro lado, que a próxima reunião da Comissão Mista terá lugar em Brasília, em 1980, em data a ser oportunamente fixada».

A delegação brasileira, composta de 14 elementos e chefiada pelo Secretário-Geral do Ministério das Relações Exteriores, João Clemente Baena Soares, deixou ontem o nosso país com destino à República irmã de Cabo Verde.

Fidel Castro

(Cont. da 1.ª pág.)

camaradas João Bernardo Vieira membro da Comissão Permanente do CEL do Partido e Comissário Principal, Constantino Teixeira, também da Comissão Permanente do CEL do PAIGC e Comissário do Interior e Victor Saúde Maria, do CEL do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

A delegação cubana integrava o Vice-Presidente do Conselho de Ministros, os elementos da sua comitiva e o embaixador de Cuba no nosso país, camarada Alfonso Morales.

Bolívia tem novo presidente

O parlamento boliviano nomeou o presidente do Senado, Walter Guevara Arze, chefe de Estado provisório, a fim de se cumprir o prazo fixado pelos militares para a volta do poder a um governo civil.

Os dois principais partidos políticos, a Aliança Progressista de Unidade Democrática Popular (UDP) e o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), do centro concordaram com a nomeação de Guevara. Guevara tem 63 anos e foi ministro dos Negócios Estrangeiros e do Interior.

Registo: Apenas uma nota

Apenas uma nota. Desta vez não para criticar mas para elogiar, para encorajar e ajudar a construir (atenção, digo construir e não reconstruir). Quero aqui elogiar a determinação e o espírito de patriotismo dos camaradas das Obras Públicas que, sem olhar as horas, ao calor que se tem feito sentir e à falta de arroz (conforme lamentava um dos trabalhadores numa entrevista há tempos concedida à Rádio no local) têm vindo a dar o seu máximo para que o monumento aos mártires do Pidjiguiti seja uma realidade no 3 de Agosto, data do vigésimo aniversário de uma data histórica da nossa luta.

Estava eu nas minhas andanças, na manhã de domingo, quando passei pelo local e pude deparar uma aglomeração de pessoas, uns atarefados com as suas pás, picaretas, ou demais instrumentos de trabalho a labutar sob olhares curiosos e incrédulos, nos preparativos finais daquilo que será a futura praça das manifestações, uma modesta homenagem do nosso povo aos marinheiros tombados no Pidjiguiti.

A honra desta louvável iniciativa cabe, em primeiro lugar, aos trabalhadores das Obras Públicas, que vêm uma vez mais confirmar e provar que para um povo decidido e corajoso como o nosso, nada é impossível. Isto porque havia muitas dúvidas quanto à possibilidade de concluir as obras na data prevista.

Mas, para quem quiser ter o prazer de dar um salto até ao cais do Pidjiguiti, poderá então constatar a realidade a que nos referimos e talvez juntar a sua voz à nossa para um justo elogio aos camaradas trabalhadores, nossos heróis da Reconstrução Nacional. Para eles, que têm vindo a dar provas da sua determinação e capacidade profissional e (o que ainda mais os distingue) do seu patriotismo, vão os nossos apreços e esta simples nota de elogio e de encorajamento. Que o seu exemplo seja seguido por todos os trabalhadores, dispostos a dar o seu quinhão para a gloriosa luta que os homens do Pidjiguiti, inspirados por Cabral, deram início a 3 de Agosto de 1959.